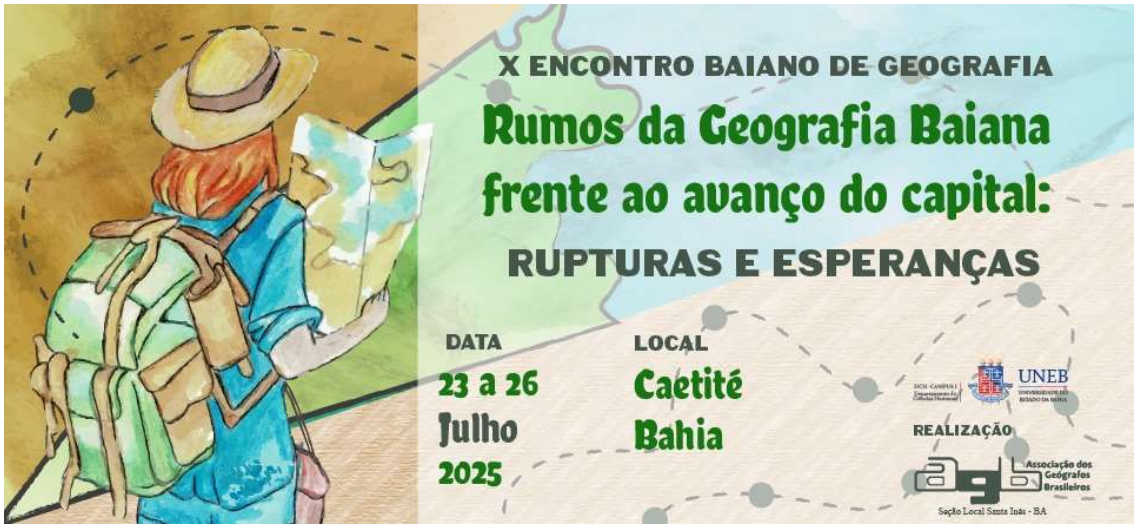


REPRODUÇÃO DAS RELAÇÕES CAMPONESAS NA COMUNIDADE DE CURRAL NOVO, MUNICÍPIO DE CATURAMA, BAHIA: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E RESISTÊNCIA

Daiana Silva Marques[1]
Jaqueline Silva Portela[2]
Aline Farias Fialho[3]
Suzane Tosta Souza[4]

Palavras-chave: Campesinato; espaço agrário; luta na terra.

INTRODUÇÃO

O estudo das relações que compõem o espaço agrário é importante e necessário para a compreensão dos processos que os constituem ao longo do seu contexto histórico e social. A discussão sobre o camponês aqui realizada parte da abordagem teórica de que sua existência se

[1] Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da UESB e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Trabalho, Mobilidade e Relação Campo-Cidade (CNPq). E-mail: daianamarques2000@gmail.com.
[2] Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da UESB. E-mail: silvaportelajaqueline@gmail.com.
[3] Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB, especialista em Análise do Espaço Geográfico pela UESB e graduada em Licenciatura em Geografia pela UESB. Professora efetiva do Departamento de Geografia da UESB. E-mail: aline.fialho@uesb.edu.br.
[4] Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professora plena nos cursos de Graduação e pós-graduação em Geografia da UESB e coordena o Grupo de Pesquisa Trabalho, Mobilidade e Relação Campo-Cidade (CNPq). E-mail: suzane.tosta@uesb.edu.br.

dá pelo processo das contradições do modo de produção dominante da sociedade capitalista, sendo, portanto, criado e recriado (Oliveira, 2007). A pesquisa realizada na comunidade de Curral Novo, município de Caturama/BA, parte dessa necessidade de entender essa realidade concreta no movimento geral da reprodução do campesinato e suas singularidades inseridas na sociedade moderna capitalista.

O objetivo da pesquisa foi compreender como se caracteriza a reprodução camponesa frente às contradições do modo de produção capitalista na comunidade de Curral Novo, Caturama/BA. A metodologia consiste no levantamento bibliográfico sobre o campesinato, suas formas de produção, modo de vida e luta na terra; de dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a população do município e sua organização nos espaços rural e urbano, bem como do censo agropecuário para fins de análise da produção agrícola e pecuária. Também foi realizada a pesquisa de campo para observação direta, registros fotográficos e entrevistas com 25 famílias camponesas e com o representante do movimento camponês na comunidade. A pesquisa de campo foi realizada em fevereiro de 2024. A análise desse resultado se respalda na perspectiva teórica adotada via movimento das contradições. A discussão apresentada neste resumo faz parte da pesquisa monográfica realizada na graduação, bem como das discussões realizadas Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos (Leau), vinculado ao Departamento de Geografia da UESB.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Esta pesquisa segue a abordagem teórica de que o campesinato é uma classe social inserida na sociedade capitalista, ainda que não proveniente do modo de produção dominante. Nesse sentido, diversas formas de luta e resistência pela/na terra, bem como expropriação e sujeição, compõem a reprodução social desses sujeitos, como destacam os estudos de Oliveira (2007), Shanin (2005) e Souza (2008). O recorte da comunidade de Curral Novo como espaço absoluto da pesquisa não exclui as relações mundializadas sobre o campesinato e sua reprodução, pelo contrário, a análise busca compreender os processos sociais como um todo.

O município de Caturama está situado na mesorregião do Centro Sul do estado da Bahia e possui características do clima semiárido e do domínio morfoclimático da caatinga. Conta com um número populacional de 8.841 habitantes, sendo a maioria estabelecida no campo, com o total de 6.021 pessoas, em contrapartida a 2.820 na cidade (IBGE, 2022). Com características predominantes de relações agrárias, o município conta com uma produção agrícola que circula no mercado interno por meio da feira livre, onde os camponeses comercializam a produção excedente de sua unidade familiar, após preservar o necessário para o consumo da família. Essa dinâmica apresentada pelos camponeses de Curral Novo demarca uma forma de produção voltada para a reprodução de seu modo de vida no campo, visto que se organiza na terra com o trabalho realizado, em grande parte, pela família, compondo o tripé “terra-trabalho-família” que Marques (2004) destaca como pertinente ao modo de vida camponês divergente ao modo de produção capitalista que parte do trabalho assalariado, individualizado e fragmentado. Ainda que mantenham relações com o mercado, esses sujeitos não se tornam menos camponeses, tendo em vista que a relação com o mercado é um processo que faz parte da história do campesinato (Bombardi, 2004).

Entre possibilidades, desafios e resistência, o camponês de Curral Novo se reproduz no campo. A posse da terra, a produção diversificada, o trabalho familiar e a ajuda mútua são elementos que demarcam as possibilidades desses sujeitos permanecerem no campo. Quando questionados aos camponeses sobre como é realizado o trabalho na terra, eles relatam que, em grande parte, é realizado pelo grupo familiar, com exceção de quando não conseguem cumprir as demandas e contam com ajuda mútua ou pagamento da diária de um trabalhador. Dos

camponeses entrevistados, 40% deles utilizam apenas a força de trabalho familiar para o trabalho na terra, 32% associam com o trabalho pago e 28% utilizam o trabalho da família e a troca de dia de serviço.

Os camponeses de Curral são donos de terra, principal meio de produção para esses sujeitos. É, portanto, uma terra de trabalho e reprodução da vida, a qual Martins (1896) denomina de "terra camponesa" em contrapartida a "terra de negócio" que está vinculada à acumulação de capital. Esses interesses antagônicos dos sujeitos de classes distintas culminam em conflitos sociais para fins de valor de uso e valor de troca da terra.

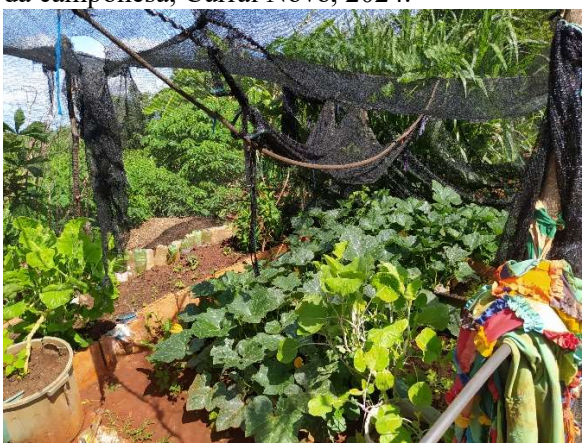
Na terra de trabalho, os camponeses de Curral Novo realizam a produção agrícola no modelo de produção diversificada que tem como finalidade atender às necessidades básicas da família, não dependendo do mercado. Nesse sentido, relatam que, além de não depender por completo do mercado para adquirir bens de consumo, com a produção na unidade familiar adquirem produtos livres de veneno. Dentre a produção que se destaca na comunidade está o feijão (imagem 1), grão essencial para alimentar a família durante ano, que possui vantagem na venda e é um tipo de cultivo que se adapta às condições de clima do município. Para além do feijão, os camponeses entrevistados também cultivam outros tipos de alimentos, como o milho, palma, abóbora, melancia, hortaliças (imagem 2), dentre outras.

Imagem 1: Produção diversificada de feijão e melancia, Curral Novo, 2024.



Fonte: Pesquisa de campo, fev. de 2024.

Imagem 2: Plantação de abóbora e couve na horta da camponesa, Curral Novo, 2024.



Fonte: Pesquisa de campo, fev. de 2024.

Essa produção diversificada culmina em uma forma camponesa de cultivo agrícola que difere da agricultura capitalista que versa na plantação monocultora de *commodities* como mercadoria para exportação. Para o camponês, essa produção deve atender às necessidades internas do núcleo familiar, sendo comercializado o seu excedente para compra de outros insumos não produzidos na terra. Nesse sentido, a "produção heterogeneizada é uma forma de resistência para esses sujeitos permanecerem na terra por permitir que, em momentos de dificuldade, eles disponham de condições mínimas para a manutenção da família, uma vez que se apropriam diretamente de parte da produção" (Fialho, 2018, p. 51).

Viver no campo como sujeitos camponeses que negam as formas capitalistas de produção implica desafios e resistência. Manter seu modo de vida frente os ditames do capital que busca de todas as formas sugar as relações não-capitalistas para o círculo do capital, bem como produzir no semiárido pelas condições naturais de chuva, dificulta a produção e soberania do camponês. Essa realidade se configura em Curral Novo, ao passo que os camponeses relatam dificuldades na venda e valorização de seu produto no momento da comercialização, assim como produzir no semiárido, nas condições atuais que possuem, só é possível nos meses chuvosos.

Quando se trata do trabalho realizado pelo camponês na terra e sua reprodução e permanência no campo, não é uma trajetória simples e fácil, pelo contrário, complexa e árdua. Ainda assim, esses sujeitos resistem e se reproduzem no campo, como escolha de modo de vida inerente a essa classe social. Como pontuado por Shanin (2008), o camponês possui flexibilidade para adaptação em diferentes situações limitantes para a reprodução da vida e, assim, se concretizam as diferentes formas de resistência e reprodução das relações camponesas de Curral Novo, Caturama, Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reprodução do campesinato no Brasil é uma realidade que envolve muitos desafios e lutas. A caracterização das relações camponesas de Curral Novo não se distancia da realidade nacional desse campesinato, ainda que apresente suas especificidades. A relação com a terra, a organização do núcleo familiar, a coletividade, enfim, o modo de vida desse camponês é uma lógica particular que difere da lógica capitalista que tem a produção agropecuária e as relações no campo como movimento de uma estratégia de expansão e acumulação de capital.

A discussão não se esgota com essa pesquisa. Ainda que as dificuldades da produção camponesa sejam uma realidade no município de Caturama, há sua reprodução e permanência no campo. A relação social no espaço agrário se constitui em contradições e, portanto, é necessário o debate teórico e analítico para compreensão da essência dessa realidade concreta.

REFERÊNCIAS

BOMBARDI, Larissa Mies. O papel da geografia agrária no debate teórico sobre os conceitos de campesinato e agricultura familiar. In: Revista **GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, n 14, p. 107-117, 2003. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123836/120007, acesso em: 10 out. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo populacional**. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/caturama/pesquisa/23/25207. Acesso em: 15 nov. 2024

FIALHO, Aline Farias. **Memória e ideologia da agricultura familiar no Assentamento Cangussu - BA**. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2018. 161 f.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista NERA**, Presidente Prudente, nº 12, p. 57-67, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.47946/rnera.v0i12.1399. acesso em: 12 ago. 2024.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. *In*: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros (orgs.). **O campo no século XXI**. Território de vida, de luta e de construção da justiça social. 1. ed. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a Política no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. [1981].

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

SHANIN, Teodor. Lições camponesas. *In*: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Org.). **Campesinato e territórios em disputa**. 1ª Ed. Expressão Popular São Paulo – 2008. Disponível em: https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/BERNARDO%20MANCANO%20FERNANDES/campesinato.pdf,. Acesso em: 15 set. 2024.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações, o velho e o novo em uma discussão marxista. In: Revista **NERA**, Presidente Prudente, n. 7, p. 1-21, Jul./Dez., 2005. Disponível em: https://doi.org/10.47946/rnera.v0i7.1456, acesso em: 12 set. 2024.

SOUZA, Suzane Tosta. **Da negação ao "discurso" hegemônico do capital à atualidade da luta de classes. Camponeses em luta pela/na terra no Sudoeste da Bahia**. Tese (Doutorado em Geografia). Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. Departamento de Geografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2008.